

## A personalidade do século

Pode-se dizer que o instrumento científico mais preciso do século XX tinha a forma de um cilindro com cerca de 13 cm de altura e 1,5 cm de espessura. Da caneta-tinteiro de Einstein saíram os símbolos e as palavras que mudaram o destino da humanidade nos últimos cem anos. Com ela, Einstein remodelou a ciência e a filosofia e rabiscou palavras indignadas em prol da primeira das instituições humanas, a justiça.

Suas ideias arquitetaram um mundo melhor, mas não sem deixar escapar um profundo pessimismo por tudo a que assistiu: Segunda Guerra Mundial, massacre do povo judeu, bombas atômicas, Guerra Fria, perseguições políticas, racismo e perda das liberdades individuais nos Estados Unidos e na União Soviética. Einstein desferiu ataques contundentes contra a tortura, a violência, a opressão, a injustiça e o racismo. Suas ações em prol dos perseguidos pelo nazismo o transformaram em uma espécie de “Schindler” da ciência, pois, exercendo sua influência junto a autoridades norte-americanas na época, ele conseguiu a entrada no país de uma longa lista de pessoas ameaçadas pelo terror da guerra, entre as quais muitos judeus.

Para ele, o futuro estaria ameaçado, entre outras coisas, pelo nacionalismo exacerbado e pelo perigo de uma guerra nuclear devastadora — alguém tem dúvida de que esses ainda sejam problemas atuais? Isso talvez explique a busca quase obsessiva de bases de um governo supranacional que zelasse pela segurança e a liberdade de todas as

nações. Nessa busca, ele foi, muitas vezes, acusado de ingênuo. A franqueza lhe rendeu críticas de políticos, religiosos, ateus, artistas, bem como de comunistas e capitalistas. Para esses últimos, ele era “o socialista-padrão”; para os primeiros, o “agente do capital internacional”.

Apesar de sua fama mundial, Einstein manteve-se como um ser humano acessível. Prova disso são as cartas — talvez milhares — que ele se incumbiu de responder à mão, muitas delas para pessoas humildes e crianças. Da leitura de seus textos transparece um homem com imensa simpatia e interesse pelo destino da humanidade. Nas palavras do físico e filósofo francês Michel Paty,

[...] há obras que ficaram, e autores que são considerados por sua contribuição intelectual, mas que, do ponto de vista humano, não são realmente gente muito interessante. Isso não é, de modo algum, o caso de Einstein.

Esse inestimável legado moral e intelectual levou a revista norte-americana *Time*, em sua edição de 31 de dezembro de 1999, a elegê-lo a personalidade do século XX.

Era de esperar que se escrevessem pilhas de livros e artigos sobre ele. Foi o que aconteceu. Sua primeira biografia foi publicada em 1921, na forma de entrevistas concedidas ao jornalista Alexander Moszkowski. Só do início da década de 1990 para cá, uma dúzia delas foi publicada. Nas últimas décadas, outros quatrocentos títulos sobre Einstein chegaram ao mercado.

Porém, retratá-lo foi, por décadas, privilégio de seus colegas cientistas. Assim, muitas biografias (sérias) que vieram a público acabaram seguindo a máxima “o que importa é a obra científica, não a vida pessoal do biografado” — Einstein se esforçou ao máximo para manter sua priva-

cidade. Isso contribuiu para, de certo modo, “sanitizar” sua vida — assim como a de outros cientistas. O preço que se pagou por se ter uma biografia escrita por alguém “confiável”, conhecedor das complexas entranhas de suas ideias científicas, foi, por vezes, a ininteligibilidade do conteúdo, bem como a ausência de dados biográficos considerados “desnecessários” ou “comprometedores”.

Muitas dessas obras são, sem dúvida, monumentais, e outras, possivelmente, definitivas. Mas nesses livros, não raramente, os autores gastam páginas para destrinçar uns poucos símbolos de uma equação ou esmiuçar o porquê desse e não daquele método matemático. Leitura, sem dúvida, árdua, mesmo para iniciados com boa dose de amor à ciência. Outras biografias, igualmente excelentes, não têm sequência cronológica e, apesar de interessantes e inteligíveis, acabam dando ao leitor uma visão fragmentada da vida do biografado. As mais antigas — algumas supervisionadas pelo próprio Einstein — são igualmente sérias, mas parciais, sisudas e desatualizadas.

Assim, o leitor de língua portuguesa sem conhecimento científico que, por mero entretenimento, queira conhecer a vida e a obra científica de Einstein — sem engasgar na fenomenologia física — acha-se, com raras exceções, numa espécie de penumbra. É daí que nos esforçaremos para alçá-lo. Para isso, na medida do possível, relataremos fatos até agora pouco divulgados sobre a vida e a obra de Einstein, mas tendo sempre em vista que, ao tratar da obra científica, nosso público-alvo é o jovem adolescente.

Ao escrever este livro — que tem como ponto de partida artigos e ensaios preparados para jornais e revistas e se apoia numa vasta bibliografia —, seguimos um conselho do próprio Einstein: “Devemos tornar as coisas o mais sim-

ples possível; no entanto, não devemos ir além disso.” Esperamos, assim, ter sucesso em nossa principal tarefa: agradar ao leitor.

Por fim, vale justificar o subtítulo deste livro. As ideias científicas de Einstein reformularam para sempre os fenômenos do imensamente grande e do infinitamente pequeno. Sua teoria da relatividade, que tem vaga garantia no Olimpo do pensamento humano e já foi batizada como a maior contribuição individual de um só homem para a humanidade, forneceu um novo e fascinante conceito do universo. Não foi sem razão que, em 1930, durante uma homenagem a Einstein no Hotel Savoy, em Londres, o escritor irlandês Bernard Shaw o classificou como um dos oito criadores de universos da história, ao lado de Pitágoras, Aristóteles, Kepler, Ptolomeu, Copérnico, Galileu e Newton.